

História, Memória e Historiografia: o Dragão do Mar na escrita de Edmar Morel (1949)

Patrícia Pereira Xavier¹

Resumo: Francisco José do Nascimento conhecido como Dragão do Mar, entrou para a escrita da história do Ceará como o jangadeiro que teria liderado seus companheiros em 1881, fazendo com que suas embarcações não transportassem os escravos que seriam enviados para as fazendas no sul. O objetivo do estudo é entender de que forma foi construída a imagem do jangadeiro ao longo do tempo. Em 1949 Edmar Morel publica o livro: “Dragão do Mar o jangadeiro da abolição” onde narra a trajetória de Chico da Matilde. A pesquisa tem como finalidade compreender a maneira pela qual o “jornalista-historiador” conta a história de vida de Francisco José do Nascimento, desde a data em que nasceu em 1839 até o dia de sua morte em março de 1914. Quais são os períodos e episódios reforçados pelo livro de Morel? Que fontes utiliza? Porque decide escrever o livro? São algumas questões a serem discutidas

Palavras-chave: Memória, Biografia, Herói

Abstract: Francisco José do Nascimento known as the *Dragão do Mar*, came in to the history of Ceará book's like the jangadeiro that would have led his companions in 1881, making its boats did not carry the slaves that were sent to the farms in the south. The objective of the study is to understand how it was built the image of jangadeiro over time. Edmar Morel in 1949 published the book: "*Dragão do Mar o jangadeiro da abolição*" where narrates the history of *Chico da Matilde*. The research is to understand how the "journalist-historian" tells the life story of Francisco José do Nascimento, from the date that he was born in 1839 until the day of his death in March 1914. What are the periods and episodes of Morel reinforced by the book? What sources that use? Why decide write the book? Are some issues to be discussed.

Keywords: Memory, Biography, Hero.

Em janeiro de 1881, alguns escravos seriam vendidos para a província do Rio de Janeiro. Os cativos esperavam no porto pelo embarque, quando os jangadeiros, responsáveis pelo transporte entre o cais e o navio², se negaram a embarcar os escravos. Entre os “lobos do mar” estava “Chico da Matilde”³, como era na época conhecido o Dragão do Mar.

Em agosto do mesmo ano de 1881, houve outra tentativa de embarque. Novamente os jangadeiros, chefiados pelo Dragão do Mar, barraram o envio de cativos para as províncias do sul (principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, que naquele período, necessitavam de mão-

¹ Mestranda Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP - CAPES

² O porto do Ceará naquele período era incipiente, os fortes ventos, desde o período colonial, causavam problemas, de forma que muitas vezes as embarcações eram impedidas de atracar com segurança. Com o aumento do movimento portuário, em fins do século XIX, as naus eram atracadas longe da praia e os jangadeiros eram responsáveis pelo transporte de pessoas e objetos, entre a embarcação e a terra firme.

³ A alcunha veio do nome de sua mãe Matilde Maria da Conceição.

de-obra para a cultura crescente do café). Após a segunda paralisação, o movimento abolicionista considerou o porto do Ceará definitivamente fechado ao tráfico interprovincial de escravos. Assim, o jangadeiro entrou para a escrita da história, sendo considerado até o hoje, o grande líder da greve dos praieiros e o maior herói da campanha abolicionista.

Esse acontecimento representou para o movimento abolicionista cearense de 1884, uma grande oportunidade de mostrar o quanto à província do Ceará, mesmo marcada pelas intempéries climáticas, estava em dia com o que havia de mais progressista na época. A escravidão era considerada por muitos um atraso, do qual o Brasil deveria estar livre.

Na formação da pátria brasileira, o Ceará entra para a escrita da história como a primeira província a libertar seus escravos. Apoiados nas teorias modernas, em voga, na época, muitos abolicionistas construíram seu discurso em prol, não apenas da liberdade dos cativos, mas, sobretudo, em prol da modernização do país, que deveria estar em dia com o modelo liberal importado da Europa. O cearense, além de pioneiro era um forte, pois, mesmo com tantas dificuldades, havia sido o primeiro a libertar seus escravos.⁴

Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender a forma pela qual Francisco José do Nascimento, o “Chico da Matide”, foi transformado no símbolo Dragão do Mar, através do livro “Dragão do Mar, o Jangadeiro da Abolição”, do jornalista Edmar Morel, publicado em 1949. Conhecido na escrita da História do Ceará como o jangadeiro da abolição Francisco José do Nascimento é lembrado como o maior herói da campanha abolicionista. Como se deu a construção da memória sobre o Dragão do Mar através do livro de Edmar Morel? Como o autor lembra e o que lembra do jangadeiro? Quais as fontes utilizadas pelo jornalista?

Importante esclarecer que a pesquisa não pretende analisar a trajetória de vida de Francisco José do Nascimento. Trata-se aqui de estudar a escrita sobre o Dragão do Mar, tomando como fonte a narrativa de Edmar Morel. Nesse sentido, a análise concentra-se não nos fatos do passado, mas sim nas representações produzidas pelo fato.

Partindo dessa abordagem, as fontes documentais privilegiadas não são as do período em que a greve dos jangadeiros aconteceu, mas aquilo que foi produzido posteriormente, contribuindo para a construção desse imaginário.

Edmar Morel nasceu em Fortaleza em Março de 1912. Exerceu a profissão de repórter, trabalhando em importantes jornais no Rio de Janeiro. Em 1942 foi convidado para participar da equipe de Orson Wells, que iria através do cinema, narrar à história de quatro jangadeiros

⁴ Essa relação entre o meio físico e as atribuições morais, está presente nos escritos dos intelectuais cearenses do final do século XIX, influenciados pelas leituras deterministas, “*O Lugar da identidade cearense com base na produção historiográfica foi à definição de um tipo humano caracterizado pelas modificações da natureza*”. (Oliveira, 2001:205).

cearenses. Os quatro companheiros realizaram uma viagem de jangada, entre Fortaleza e Rio de Janeiro, para solicitarem ao presidente Getúlio Vargas a garantia dos direitos trabalhistas e a melhoria das condições de trabalho dos pescadores brasileiros. O trabalho do repórter era fazer pesquisas sobre a vida dos jangadeiros e estabelecer contato com os pescadores.

A viagem em 1942 foi uma oportunidade de realizar pesquisas e buscar fontes sobre a história de outro jangadeiro “ilustre” que ainda no século XIX havia desafiado os traficantes de escravos trancando o porto de Fortaleza. O resultado dessas investigações foi o livro: “Dragão do Mar, o jangadeiro da Abolição”, publicado em 1949, sendo reeditado sob a revisão do autor e publicado novamente em 1967 com o título “Vendaval da Liberdade: a luta do povo pela abolição”.

- A Narrativa de Edmar Morel

Um HOMEM DA PLÉBE, num país onde ninguém leva a sério o esforço próprio, não pode ter história. Ademais, o jangadeiro Francisco José do Nascimento era de cor e sem instrução. Mulato ignorante e pobre, o seu nome não mereceu sequer, figurar nos índices biográficos. (MOREL, 1949:15) grifo do autor.

A biografia do Dragão do Mar escrita por Edmar Morel descreve a trajetória de Francisco José do Nascimento desde seu nascimento em 1839 no município de Aracati/CE, até seus últimos dias de vida em março de 1914 em Fortaleza. Logo no início do livro Edmar Morel trata dos motivos que o teriam levado a escrever sobre o herói jangadeiro. O esquecimento de um personagem que ele descreve como “mulato ignorante e pobre” teria sido o principal motivo para cumprir sua tarefa. Era urgente tirar do esquecimento um “homem da ralé”, já que seu nome não merecia “figurar” nem mesmo índices biográficos.

A missão do autor, entretanto não seria fácil, pois as fontes que descreviam a vida do pescador eram escassas e os objetivos de Edmar Morel, por outro lado, abarcavam os pormenores da vida do herói em uma descrição cronológica dos fatos vividos por Chico da Matide. Desta forma, o autor produz uma narrativa baseado em vários tipos de fontes, dentre elas: entrevistas, jornais, um diário pessoal do Dragão do Mar, atas de reuniões, etc. Contudo, existem lacunas na história de vida do personagem narrado por Edmar Morel, que ele preenche através de entrevistas ou de fontes que não cita no trabalho, ou mesmo quando cita,

como é o caso do diário pessoal de Chico da Matilde, transcreve poucos trechos. Através do livro temos acesso à interpretação que ele faz dos dados do diário.⁵

Acontece, porém, que Francisco José do Nascimento nasceu no Ceará, cujo arquivo do Estado não guardou nada de sua destacada atuação no movimento anti-escravista. Para escrever este livro, - uma reportagem sobre a vida do praieiro, - tive que conviver na intimidade de dois octogenários: Elvira Pinho e Alfredo Salgado, os últimos sobreviventes da Campanha Abolicionista e dos quais ouvi a narrativa dos fatos culminantes da luta contra o regime negro. Hugo Vitor Guimarães e Silva e Luiz Brigido, dois ratos de arquivos, sendo que o último é parente afim do “Dragão do Mar”, de quem herdou um diário íntimo, mais tarde corrigido pela sua família. (MOREL, 1949:15)

É importante, portanto refletimos sobre os objetivos e fontes utilizadas pelo autor no sentido de entendermos a forma como constrói sua narrativa. Diferente das biografias históricas, a escrita de Edmar Morel não se preocupa com os rigores nas citações de fontes ou mesmo com a crítica a essas fontes. Como um jornalista, o autor está muito mais preocupado em edificar um perfil do Dragão do Mar e em reafirmar sua posição de herói, não um herói qualquer, mas um herói do povo, que merecia ter sua história contada, mesmo que não existissem muitas fontes, ou que fosse preciso em alguns momentos usar a imaginação jornalística para que a trajetória de Chico da Matilde fosse coerente com o grande-homem que estava sendo descrito. (SCHIMIDT, 1997)

No primeiro capítulo do livro intitulado “Aracati”, Morel trata do nascimento do personagem. Dá alguns dados como a data do nascimento, o local e o nome dos pais, descreve a vida dos jangadeiros na pacata “Canoa Quebrada” lugarejo onde morava a família de Chico da Matilde, cujo pai e o avô eram pescadores. Continua narrativa tratando do tráfico e dos horrores da escravidão. Porém, era preciso justificar o fato que levaria Francisco José do Nascimento a dedicar uma parte de sua vida a redenção dos escravos.

A infância de Chico da Matilde é toda narrada por Edmar Morel baseado no diário íntimo do Dragão do Mar. O diário fornece os dados sobre a morte precoce do pai do personagem biografado, fazendo com que sua mãe procurasse um emprego para Nascimento que muito cedo, ainda criança começou a trabalhar como menino de recados em navios que faziam o percurso entre Maranhão-Ceará.

No segundo capítulo “Massacre na Laura”, o jornalista descreve um ato de insurreição de alguns escravos que estavam passando pelo litoral cearense, em Aracati no ano que o

⁵ Não se tem notícias desse documento, segundo Edmar Morel o diário teria ficado na guarda da família Brígido, pois Francisco José do Nascimento teria casado em segundas núpcias com uma sobrinha de João Brígido, um abolicionista de última hora.

Dragão do Mar nasceu. Os escravos revoltosos mataram todos os brancos a bordo e fugiram pelo litoral cearense, logo depois foram presos e os líderes condenados a morte.

O episódio da barca “Laura”, relatado por um dos seus próprios personagens – Luis Aracati – exerce notável influência na vida do moço do cutter “Tubarão”, em cujas viagens, entre o Maranhão e Pernambuco, Francisco José do Nascimento testemunha cenas de verdadeiro barbarismo... Neste ambiente é que Nascimento, já sabendo ler e escrever, sente que o drama daquele amontoado de infelizes, é parte de sua vida. Ele é livre, mas é um mulato e, como mulato bem escuro melhor do que ninguém sabe das decepções que passa, do infortúnio de sua gente, humildes pescadores do Ceará, pretos e caboclos escravizados a um patrão branco, desumano e perverso. (MOREL, 1949:41)

A predisposição do Dragão do Mar para atividade abolicionista estava explicada. Segundo Morel, Nascimento aprendeu muito trabalhando nos navios, mas também pode observar os horrores do comércio de escravos. Além disso, o fato de ter mantido contato com um dos tripulantes da barca Laura, teria sido fundamental para que Chico da Matilde formasse seu caráter de abolicionista. “Homem do povo, filho de praieiros, apenas com a instrução primária ministrada quando tem 20 anos, sente, porém, a chama da liberdade, como um instinto natural”. Ou seja, o sentido de liberdade era inerente a Nascimento, todas as condições sociais do herói só fizeram despertar seu “instinto natural”.

Essa história de vida coerente descrita por Edmar Morel pode ser relacionada com a “ilusão biográfica” tratada por Boudieu em seu famoso artigo. O repórter acaba cedendo a essa ilusão de que de fato seria possível a reconstrução da trajetória do Dragão do Mar, sem levar em conta as falhas e contradições. Daí a necessidade de explicar a escolha abolicionista desde pequeno. (BORDIEU, 1998)

Baseado nesses documentos (entrevistas com abolicionistas, diário, etc.) Edmar Morel continua sua narrativa até chegar o momento de descrever a maior ação do movimento abolicionista, no capítulo sobre a greve dos jangadeiros. Nesse momento o jornalista começa a utilizar uma fonte muito próxima do seu cotidiano, o jornal. Antes de começar a tratar dessa ação do movimento abolicionista do Ceará, Edmar Morel cita a fundação das sociedades libertadoras e outras ações do movimento, como roubo de escravos, a fundação do jornal Libertador, etc. A greve dos jangadeiros, contudo mereceu um capítulo.

Essa escolha de Morel não é aleatória, a grande fama do jangadeiro teria se consolidado a partir do episódio do trancamento do porto ao tráfico interprovincial. Existe, contudo, uma discussão sobre quem de fato teria liderado os jangadeiros nos dias de paralisação.

Um homem, quase preto, com 42 anos, a bordo de um paquete inglês, com um óculos de alcance, assiste ao motim. É Francisco José do Nascimento, segundo prático do porto. Por circunstâncias estranhas e talvez por uma simples rivalidade, pois Nascimento já é uma figura das mais prestigiosas do movimento, não o chamam para dirigir a greve, muito embora as suas embarcações estivessem na praia, formando a parede. (MOREL, 1949: 75)

O outro jangadeiro responsabilizado pelo trancamento do porto era José Napoleão, ex-escravo que havia conseguido comprar sua própria alforria e a de seus irmãos. Entretanto, para Edmar Morel o grande herói era Francisco José do Nascimento, que mesmo não tendo participado do primeiro trancamento do porto em Janeiro de 1881, foi um exímio colaborador do movimento chegando a ganhar o título de diretor da Sociedade Cearense Libertadora.⁶ “Reunidos num subúrbio, os libertadores, já com o apoio de Francisco José do Nascimento, resolvem aceitar a porfia e impedir o embarque das suas caravanas, por qualquer preço. Os jangadeiros deixam as suas palhoças e vem a praia” (MOREL, 1949: 79).

O segundo trancamento do porto havia acontecido em Agosto de 1881, e conforme o jornalista o Dragão do Mar havia participado ativamente e liderado seus companheiros para impedir que os escravos saíssem da província. A participação de Nascimento no movimento abolicionista no Ceará foi crescendo e conforme relata Morel, Chico da Matilde estava sempre disposto a participar de qualquer evento organizado em prol da causa, ajudava no roubo de escravos, e estava presente toda vez que a sua ajuda era requisitada, chegando até mesmo a ceder a sua própria casa como esconderijo de escravos.

Ao longo de sua narrativa, Edmar Morel constrói um perfil do líder jangadeiro, tanto físico como psicológico. Essa imagem está sempre relacionada ao que se espera de um verdadeiro herói, pela sua aparência corporal e principalmente pelo seu caráter.

Homem modesto, mas de aspecto agradável, lembrando aqueles velhos comandantes de barcos holandeses. Nascimento pouco fala... Traja-se com um certo aprumo e é visto com bons ternos de casemira, sempre de cor escura. Usa, invariavelmente, camisa branca e traz consigo um guarda-sol. O cabelo é cortado a escovinha e sabe tratar, com esmero, o seu cavanhaque cujas pontas não são aparadas. Mora próximo a praia, perto do Seminário, em cujo terreno manda construir um galpão para esconder escravos. Devoto de Nossa Senhora dos Navegantes, levanta um pequeno altar com a imagem de sua padroeira, realizando novenas que ficam famosas... Homem de ação e de coragem, todas as vezes que anunciam o embarque de cativos Nascimento lança-se ao mar em sua tosca embarcação e acompanha a esteira branca do navio negreiro, até a barra, na ponta do Mucuripe. (MOREL, 1949:97)

⁶ A “Sociedade Cearense Libertadora” foi fundada em Dezembro de 1881, contava entre seus sócios com grandes nomes da elite cearense, abolicionistas que entraram para a escrita da história como tributários da causa da liberdade a qualquer preço.

A descrição de Edmar Morel é baseada em um relato de Issac Amaral publicado no jornal “O Nordeste” em 25 de Março de 1934, nas comemorações do cinquentenário da abolição no Ceará. O famoso abolicionista foi convidado pelo jornal a conceder uma entrevista contando os pormenores da campanha abolicionista. Seu testemunho foi considerado pelo jornal como um documento histórico valioso, pois, Amaral era um sobrevivente que viu os acontecimentos de 1884 com os próprios olhos.

Nesse sentido Edmar Morel incorpora as informações fornecidas por Issac Amaral, tomando o depoimento do abolicionista como documento e reforçando os aspectos que contribuem para a ereção de um herói. Além de forte e corajoso, Francisco José do Nascimento, mesmo sendo um trabalhador do porto, trajava-se com “aprumo”. A aparência do Dragão do Mar era importante, na medida em que sua atividade não se fazia apenas na defesa contra o embarque de escravos, mas também nas concorridas reuniões abolicionistas, onde estava presente a elite política e intelectual da província.

O aspecto físico, e as características psicológicas são reforçados pelo jangadeiro religioso, sua devoção a Nossa Senhora dos Navegantes e as constantes novenas promovidas por ele, dão ainda mais credibilidade a figura do jangadeiro.

Chico da Matilde no dia 14 de março de 1884, parte no vapor Espírito Santo – o mesmo que em Agosto de 1881 fazia o transporte de escravos, caso o porto não houvesse sido fechado – para o Rio de Janeiro. A viagem a corte merece um detalhado capítulo, onde Edmar Morel novamente baseado nos jornais cariocas descreve as festividades em comemoração a abolição do Ceará. O Dragão do Mar partiu com mais dois companheiros, Francisco José de Alcântara e José Félix Pereira, os quais também exerciam a profissão de jangadeiro e muito provavelmente participaram da greve. Contudo, não temos notícias de seus feitos, a não ser pelo relato de Edmar Morel, ou seja, seus nomes não figuram nos manuais de História do Ceará.

As ruas tomaram aspecto de festa; o povo aglomerava-se e a curiosidade era grande para ver o jangadeiro Nascimento. As recepções se sucedem, as solenidades entram pela madrugada e um homem perde o seu nome, quase que de maneira definitiva. Deixa de existir o Francisco José do Nascimento para aparecer o “Dragão do Mar”. No “Politeama Fluminense” são realizadas outras festas em sua homenagem, como representações teatrais, cânticos ao ar livre, quermesses e concertos por bandas marciais. (MOREL, 1949: 156)

No dia 24 de março de 1884, um dia antes da grande festa, o navio Espírito Santo chega ao Rio de Janeiro. Além dos três jangadeiros, é importante lembrar que o navio transportou, também, uma das jangadas de Nascimento, a jangada Liberdade. Depois de o

navio ter ancorado nas águas da Guanabara, Chico da Matilde, agora a bordo da jangada, e em meio ao delírio da população que o aguardava, chega finalmente ao cais do porto. Em um telegrama enviado do Rio no dia seguinte, Nascimento descreve sua chegada. O telegrama, vale salientar, foi publicado no jornal Libertador no dia 01 de Abril de 1884: “Recepção em delírio, praças e ruas juncadas de povo, flores, bandeiras, discursos, poesias. Saúde perfeita. Todos jornaes recepção brilhante”.⁷

A comemoração do 25 de março no Rio parece estar inscrita em um momento muito singular. A celebração tem por objetivo fazer a propaganda da abolição no Ceará. Porém, ao fazer a publicidade do evento, conta com um “garoto propaganda” que parece ter seduzido a população. O Dragão do Mar no Rio de Janeiro levou multidões à rua, para conhecerem o trabalhador do mar, que havia trancado o porto de Fortaleza. A ida ao Rio de Janeiro, muito mais que a liderança da greve dos jangadeiros teria feito do humilde pescador o herói Dragão do Mar.

O livro de Edmar Morel contribui para a construção da memória sobre o Dragão do Mar. Analisando as fontes utilizadas pelo autor, bem como os episódios reforçados pela sua narrativa, percebemos como o jornalista para atingir seu objetivo (escrever a história de um herói da “ralé”) interpreta os documentos, construindo uma narrativa cronológica e coerente que corresponde ao que se espera de um verdadeiro herói.

BIBLIOGRAFIA

BOUDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos & abusos da **historia oral**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MOREL, Edmar. Dragão do Mar o Jangadeiro da Abolição. Edições do Povo Ltda. Rio de Janeiro, 1949.

MOREL, Edmar. Vendaval da Liberdade

OLIVEIRA, Almir Leal. O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social (1887-1914) São Paulo: Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

⁷Libertador 01 de Abril de 1884, “*sessão Telegrammas – recebidos por ocasião das grandes festas da libertação total da Província no dia 25 de março*”.